



## A vida como retorta – Considerações sobre a autobiografia em *O insistente inacabado*, de Luiz Costa Lima

### *Life as a Retort – Considerations on Autobiography in O insistente inacabado*, by Luiz Costa Lima

Myriam Correa de Araújo Ávila

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
myriavila@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3726-4670>

**Resumo:** Em *O insistente inacabado* (2019), Luiz Costa Lima recorrentemente explora as relações entre a biografia e a teoria, ao tratar do estabelecimento de uma Ciência da História, a partir do fim do século XVIII. No capítulo dedicado à autobiografia, não é apenas a escrita da vida que se aborda, mas também as contingências biográficas que interferem em e informam esse gênero e suas estratégias de construção. Propõe-se, portanto, neste artigo, distinguir dois elementos de sustentação das escritas do biógrafo e do autobiógrafo, ambas atravessadas pela *res fictae* e pela *res factae*: a “bio”, correspondendo ao vivido, e a “vida”, correspondente ao vivível.

**Palavras-chave:** Luiz Costa Lima; biografia; autobiografia; História.

**Abstract:** In his book *O insistente inacabado* (2019), Luiz Costa Lima recurrently elaborates on the relations between biography and theory when dealing with the establishment of a Science of History in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries. In this book’s chapter on autobiography, besides the writing of a life, Costa Lima approaches the biographical contingencies that interfere and give contour to that genre and its construction strategies. This article intends to distinguish two sustaining elements in the writings of the biographer and of the autobiographer, both pervade by *res fictae* and by *res factae*: “bio”, corresponding to what has been lived, and “life”, corresponding to what can be experienced.

**Keywords:** Luiz Costa Lima; biography; autobiography; History.

“Não entraria nestas águas senão para me afogar”

L. Costa Lima. *O insistente inacabado*

Em *O insistente inacabado*, de publicação recente, Luiz Costa Lima (2019) lembra uma frase do romance *A consciência de Zeno*, de Italo Svevo (1984), que compara a vida a uma retorta. A imagem, surgida em meio a uma argumentação cerrada sobre História e Literatura, chama a atenção por sua súbita concretude numa floresta de termos abstratos em que justamente se discute a legitimação de designações abstratas como “mediação [usada pelo historiador] que objetiva o que se concretiza fora dela” (LIMA, 2019, p. 53). A lembrança da imagem sveviana é trazida como expressão de uma ironia desfechada contra a insuficiência das Ciências Naturais diante da vida.

Se a escrita de Costa Lima (2019) nos obriga ao exercício espartano de percorrer complexas questões teóricas pela via da abstração, mesmo quando se apoia em citações de ficção durante o trajeto, o leitor (no caso, esta leitora) pode experimentar a imagem da retorta como o “punctum”, para usar o termo de Roland Barthes em *Câmara clara*, ou o ponto de fuga, se considerarmos o todo do desenho do ensaio como um quadro, a partir do qual tentará entrar no emaranhado da questão. Esse *punctum*, perfuração ou furo, como presentificação visual do pensamento, matéria heteróclita no texto teórico, não se detém, porém, no seu destino de metáfora confinada, quase um *divertissement* a ser prontamente superado no seguimento do ensaio. Se nos detivermos nele mais do que o previsto, os sentidos da imagem não cessarão de proliferar. Desde a forma do objeto, evocada pelo significante (pois se trata de vaso de gargalo estreito e curvo), com a função de destilação e depuração, até sua relevância nos processos alquímicos, nos quais era tida como “ovo filosofal de onde saíam os espíritos”, o instrumento de laboratório leva a imaginação além do texto de Svevo (1984, p. 15), onde corresponde a uma redução da vida a algo contido e manipulável: “Corri para a ciência, que é a própria vida, se bem que reduzida a uma retorta”.

Redução da vida a algo contido e manipulável não é uma má definição de autobiografia. No entanto, não é disso que trata o ensaio. Estamos no meio de um exame das relações entre História e Literatura, no capítulo II de *O insistente inacabado*. Apenas no capítulo IV, a autobiografia será diretamente tematizada. Mas é no capítulo sobre a História que Svevo (1984, p. 15) é lembrado, afirmando que a “ciência (...) é a própria vida”.

Convém aqui destacar alguns pontos do capítulo II. Trata-se, em grande parte, nesse capítulo, da relevância da retórica na narrativa histórica. Em lugar de abordar a questão, como é mais comum, por meio das conhecidas considerações de Hayden White, Costa Lima (2019) traz ao fórum as vozes pouco visitadas de Chladenius, Gervinus e Droysen, que, soando desde os séculos XVIII e XIX, mostram-se vivas e prementes na interlocução com o teórico do século XXI. Chladenius traz a questão do ponto de vista (na busca de ancorar os fatos narrados em um consenso). Ao comentar seu tratado, Costa Lima (2019) insere a própria figura de Chladenius na discussão como instaurador de um ponto de vista, ao questionar em que medida sua posição pessoal teria interferido no curso de sua concepção de história. A questão da subjetividade surge adiante no ensaio, quando Johann Gustav Droysen é apresentado ao leitor como autor que – um século depois de Chladenius – reconheceria uma marca subjetiva na análise do historiador: “No evento narrado, estaria contida a marca da vida que extrapola as dos arquivos e dos cursos acadêmicos” (COSTA LIMA, 2019 p. 44). Droysen propõe que o historiador estabeleça uma empatia pessoal com a “alma” dos agentes do fato histórico, sem a qual a vida do acontecido não emergiria na análise. Quando, na segunda metade do século XX, Koselleck (autor longamente visitado no capítulo II de *O insistente inacabado*) formula seu conceito de “espaço da experiência” e reformula o conceito de “horizonte de expectativa”, é a vida que retorna como substrato da História.

Ancorados em Koselleck, Dietrich Erben e Tobias Zervosen (2018) – não mencionados no texto de Costa Lima (2019) – mostram, em *Das eigene Leben als ästhetische Fiktion: Autobiographie und Professionsgeschichte* (A própria vida como ficção estética: autobiografia e história das profissões), que a narrativa autobiográfica tem em comum com a narrativa histórica o trabalho do passado como experiência a partir de um horizonte de expectativa. Portanto, na escrita da história, corroborando a argumentação de *O insistente inacabado*, já estaria embutida a reflexão sobre a biografia e a autobiografia – não ainda como gêneros, mas como ponto de vista e matéria para a ciência da história (*Geschichteswissenschaft*). No Prefácio, Costa Lima (2019) usa os termos “estados de ser” e “estados existativos” para distinguir entre ficção e ciência: nesta, predominariam os “estados de ser”, enquanto aquela se voltaria para os “estados existativos”. No segundo capítulo, fala-se em “ser” e “devenir”. No estabelecimento das bases de uma Ciência da História, os vários autores citados examinam como se dá a negociação entre os dois

polos, fazendo sua disciplina oscilar entre o método científico que garante a fixidez da *res factae* e a narrativa que garante a reconstrução do transcurso histórico. Enquanto se nota (mais especificamente em Droysen) a necessidade de guardar o discurso histórico da ameaça “da arbitrariedade e da fantasia” (COSTA LIMA, 2019, p.57), deve-se reconhecer, com Gervinus, que o uso da narrativa irá, em alguma medida, afastar o historiador da “mera factualidade, pelo emprego de ‘um procedimento artístico mais livre’” (COSTA LIMA, 2019, p.58). Obviamente, ao tentar dar conta do “impulso atuante” nos “atos de vontade individuais” de uma “pluralidade de agentes” (todas estas expressões vêm de Droysen), postula-se uma profunda sensibilidade no historiador que, segundo Droysen, deveria “pôr-se na alma” dos que agiram. Talvez por esse motivo, Costa Lima (2019), vez ou outra, mencione as motivações pessoais desses teóricos da história que, também na discussão dos fundamentos de sua disciplina, percebem-na como *Verlauf*, como objeto em devir, cujo reconhecimento depende em grande parte da narrativa que dele é feita. Assim, fala do posicionamento de Gervinus como “confirmado por sua biografia” (COSTA LIMA, 2019, p.58) e lembra a “posição pessoal” de Chladenius. Koselleck é citado a respeito da “relatividade de toda perspectiva de julgamento”: “Estender a imparcialidade a tal ponto que o historiador seja empurrado para o papel de espectador que tudo narra, sem ter diante de si uma finalidade, seria o mesmo que tornar sem sentido a própria imparcialidade” (COSTA LIMA, 2019, p.77).

Curioso é que Costa Lima (2019, p. 59) também infere da biografia do ficcionista Fielding “as razões subjetivas da afirmação” que destaca do romance *Tom Jones*. Depreende-se que não apenas a retórica ou a poética respondem pela especificidade do encadeamento de fatos numa narrativa, mas que as opções por esse ou aquele relato passam também pelo sujeito empírico, por sua biografia e pelos interesses que o movem.

Pode-se supor, assim, que a diferença entre história e ficção reside na dosagem de *res factae* e *res fictae* em cada uma. O grau de “ficção do fático”, para usarmos o termo de Koselleck, era objeto de cogitação já em Droysen, helenista e tradutor do teatro ático, em cujas palavras se pode ouvir um certo lamento: “os materiais que se mostram ao pesquisador [em História] raramente, ou melhor, nunca alcançam tão longe que possam concorrer com o poeta”. Costa Lima (2019, p. 81) conclui que a prática historiográfica de Droysen “não pretendia ser superior à narrativa do ficcional”. O autor de *O insistente inacabado* adverte, entretanto: “Para que não se pense em

uma desvantagem da História, note-se que, em contraparte, também o texto ficcional necessita de um lastro, por mínimo que seja, de *res factae*. Não há dependência de nenhum dos dois, mas inter-relação” (COSTA LIMA, 2019, p.81)

Termina-se a leitura do capítulo II com a impressão de uma grande contiguidade entre história e ficção, que compartilham as exigências da linguagem narrativa, mas são também assombrados pela demanda de vida que os dois gêneros de relato apresentam. Evocada por avatares diversos como a experiência, a alma, o devir, a mudança, o memorável, a vida não se pauta pela retorta antimetafórica e unívoca da ciência. Paul Valéry alertava para o fato de que “não existe teoria que não seja um fragmento, cuidadosamente preparado, de alguma autobiografia” (COSTA LIMA, 2019, p. 81).

Algumas pistas apontam, portanto, já no capítulo II, para a questão da autobiografia, que será abordada explicitamente no capítulo IV. Apesar da existência, entre os dois, de um capítulo sobre “Imitação e correlatos”, observa-se uma continuidade natural entre o II e o IV, dado que ambos tratam, embora em medida e de formas diferentes, da negociação entre *res factae* e *res fictae*. A polissemia intrínseca da linguagem narrativa, em comparação com a linguagem matemática, é lembrada nos dois ensaios. Como se lê na página 157, “salvo a linguagem matemática, toda linguagem contém um aspecto ficcional” (COSTA LIMA, 2019, p. 157). Os autores trazidos para a discussão por Costa Lima (2019) no capítulo IV são outros, e incluem as ponderações altamente sugestivas de dois nomes da literatura em língua inglesa, o poeta Stephen Spender e o romancista Henry James. Spender afirma que o autobiógrafo “escreve menos sobre si [mesmo] do que sobre a vida” (COSTA LIMA, 2019, p.144). James, encarando o problema do ponto de vista da ficção, propõe que a experiência direta do escritor é menos importante, ao escrever, do que a sua capacidade de “sentir a vida completamente” e de “julgar a peça pela amostra”. Sem a obrigação de teorizar sobre o gênero autobiografia, como fazem Gusdorf, Renza, Olney e outros que compõem a bibliografia de Costa Lima (2019), James e Spender reintroduzem o elemento vida não como índice do real, mas como o âmbito do vivível.

A reflexão sobre autobiografia de *O insistente inacabado* autoriza-me, desse modo, a voltar à questão da vida como legitimadora da narrativa, seja esta mais informada pelos *res factae* ou pelos *res fictae*, em cada caso: narrativa histórica, autobiográfica ou ficcional. A Costa Lima

(2019), entretanto, não satisfaz a vida como avalista, na determinação da especificidade da autobiografia. A ênfase que o teórico dá ao que chama, a partir de um texto de Kafka, “o propósito artístico” justifica a formulação do gênero como “vida criada pelo próprio ato de escrevê-la”. Como no capítulo sobre a história, a linguagem é destacada como o elemento decisivo na construção dos vários tipos de narrativa, além de possibilitar a distinção entre cada um deles. Se outros teóricos valorizam esse elemento comum a ponto de considerar ocioso tratar da especificidade de cada tipo, Costa Lima (2019) argumenta que os próprios ficcionistas buscam a diferenciação entre a narração em geral e o trabalho de construção literária do narrado. É Kafka que lembra o “propósito artístico” em sua escrita, ao declarar prescindir dele numa nota dos Diários, na qual tenta exprimir fielmente sua inquietude. Como no verso de Drummond, “o que pensas e sentes, isto ainda não é poesia”, Kafka procura delimitar o âmbito do trabalho artístico como esforço, nos termos mais tarde colocados por Musil, contra o “elemento dissipativo” da arte, ou seja, a tendência do pensamento de avançar em todas as direções, gerando um resultado “desarticulado, amorfo”.

Costa Lima (2019) atribui essa crítica da dispersão e da desarticulação em Musil a sua formação como engenheiro. O teórico já recorrera a esses condicionantes biográficos no capítulo II, ao comentar a obra de historiadores. Em Kafka, alguns biografemas também são lembrados como circunstâncias que favorecem este ou aquele encaminhamento da obra. Essas injunções da trajetória pessoal só adquirem forma ao serem filtradas pelo “propósito artístico”, Kafka parece sugerir. Mesmo na escrita autobiográfica, a verdade deve ceder às necessidades de expressão estilística. Em lugar de falseá-la, no entanto, obtém-se com o trabalho da escrita uma verdade mais profunda e ampla, como afirmava Henry James. Costa Lima (2019) aponta que, em Kafka, as notas do diário mais o afastavam que o aproximavam da escrita da autobiografia, pois não se tratava de apenas organizá-las em uma sequência coerente, mas de partir de um propósito, o artístico, que sua vida cotidiana não propiciava. É dessa constatação que o teórico brasileiro critica a leitura que Blanchot faz do escritor tcheco, pois, recaindo ele mesmo no “momento dissipativo”, o crítico francês atribui ao autor que estuda igual impulso de dissolução de limites. Mais ainda: a visão que Blanchot constrói da obra kafkiana não seria resultado de constatação isenta, mas se explicaria por idiosincrasias psicológicas identificáveis através da biografia desse crítico.

Temos aqui, portanto, duas linhas: a biografia marcando o pensamento – crítico ou criativo – e a autobiografia transcendendo pela linguagem o vivido. A biografia como um ponto de partida e a autobiografia como ponto de chegada. Proponho, a bem da argumentação, distinguir aqui dois elementos de sustentação dessas escritas, dessas grafias: a bio, correspondendo ao vivido, e a vida, correspondente ao vivível, àquela peça de tecido, na metáfora de Henry James, da qual o vivido é apenas a amostra. Mesmo na narrativa histórica, alegam Droysen, Gervinus e Koselleck, o passado só adquire sentido se trazer consigo a dimensão da vida, não delimitável no tempo, mas se estendendo em duas direções simultâneas, a da experiência e a da expectativa, como coloca exemplarmente Koselleck. Em termos da retorta, a bio, os fatos ocorridos, são ingredientes vertidos no dispositivo-vida para destilação. Destilação significa separação de misturas. Se Svevo (1984) – e talvez com ele Luiz Costa Lima (2019) – vê como redutora essa função quando correlata à vida, ela não deixa de aumentar a abrangência da metáfora. Este mundo é muito misturado, já dizia Guimarães Rosa. O caráter expansivo ou dissipativo dos espíritos obtidos pela destilação poderia se mostrar deletério, não fosse o resultado obtido a separação de misturas. Assim opera Costa Lima (2019) quando, reconhecendo os limites dúbios entre real e ficção, entre história e narrativa ficcional, entre autobiografia, diários e criação literária, não se isenta de buscar a especificidade de cada âmbito, de cada construção discursiva, de cada gênero.

Se agora quisermos, como ele faz, buscar também em seus ensaios o rastro da biografia e o peso da vida, não teremos dificuldade em encontrá-los em *O insistente inacabado*. O próprio título, embora se refira em princípio a seu incomensurável objeto de pesquisa, aponta também para “o pulso (que) ainda pulsa”, os anos de mora que o destino lhe proporciona para que continue investigando. No prefácio, Costa Lima (2019) se refere a seu título *Limite*, o qual, segundo o autor, “supõe que houvesse ganho a aposta contra ‘a indesejada das gentes’”. Prossegue: “Envelhecemos sem curvar a teimosa ingenuidade. Continuamos a apostar contra o imprevisível”. Trata-se, portanto, de uma corrida entre Aquiles e a tartaruga, entre a morosidade da exploração teórica e a fatalidade do corpo mortal. O uso da primeira pessoa no livro mostra o quanto está consciente do investimento pessoal na elucidação de questões, como a da mimesis ou do controle, que sabe ser de interesse de toda a coletividade, pois lhe é evidente que a lassidão do pensamento e a aceitação passiva de premissas podem ter, como têm tido, as piores consequências para a sociedade e os indivíduos que a compõem.

A tranquilidade proporcionada pela consolidação de uma voz própria durante mais de meio século de trabalho permite a Costa Lima (2019, p. 22) inserções autobiográficas saborosas como “Era um fim de semana sem surpresas. Estava em casa, sem outros cuidados, quando o saudoso Ricardo Benzaquen me surpreendeu ao telefone com uma inesperada pergunta.”, ou a já citada advertência “Não entraria nestas águas senão para me afogar” (COSTA LIMA, 2019, p. 22). O título do capítulo I, remetendo simultaneamente ao futuro e ao passado – “Antes que anoiteça ou panorama visto de antes” – localiza sua enunciação na linha da bio, infundindo de vida tudo o que toma como objeto: “Estas são observações que, sem terem sido formuladas no que fiz nas últimas três décadas, alicerçam o que tenho feito.”. Nesse capítulo ouvimos uma voz carregada de experiência: “A atividade intelectual talvez não traga maior vantagem do que presumir a distância que guardamos de nós mesmos” (COSTA LIMA, 2019, p. 22).

Muito evidente fica também a localização dessa enunciação da experiência na história recente do país, história que Costa Lima (2019) se mostra consciente de não apenas ter sofrido (na acepção do verbo *patire*, do italiano), mas também ter ajudado a acontecer. São conhecidas as invectivas de Costa Lima (2019) contra a mediocridade intelectual no Brasil, mas, reiteradas na publicação recente de que trato aqui, não se revestem da arrogância das generalizações inconsequentes, distinguindo as variadas dinâmicas de agentes e agenciamentos em configurações diversas, como se vê nas páginas finais do primeiro capítulo. Destaco aqui apenas algumas linhas:

A modorra repressiva esteve interrompida apenas durante a presidência do sindicalista Lula da Silva (2003-2010), para voltar de maneira exacerbada a partir de 2016, com o golpe agora político, midiático e judicial, que tem seu primeiro fruto no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. (COSTA LIMA, 2019, p.38)

Em entrevista de 2013, a integridade de pesquisador já levara Costa Lima (2013) a lamentar e exprobar o relativo esquecimento a que figuras como o Padre Henrique de Lima Vaz e Gerd Bornheim se encontram relegadas. (E, pessoalmente, dou-me conta de minha capacidade de “cum patire”, de me sentir parte de uma coletividade intelectual ao ser tomada de gratidão pela justa homenagem a dois grandes nomes do pensamento brasileiro no século XX).

Embora afirme pessimisticamente que “como não há previsão de mudança no quadro que vivemos, só resta esperar pelo imprevisível” (COSTA LIMA, 2019, p. 79), a perseverança do crítico em separar as misturas e distinguir os diversos estatutos conceituais de tantas matérias afins aponta para a satisfação pessoal com cada resultado conquistado: “Se a ilusão não for minha”, comenta, “um passo largo foi alcançado” (COSTA LIMA, 2019, p. 168).

Com essa postura enunciativa não isenta, mas comprometida com a teoria como atividade consequente, Costa Lima (2019) dá testemunho em sua escrita das próprias conformações que verifica no estabelecimento de uma Ciência e uma Teoria da História na modernidade e nas negociações do coletivo com o singular no universo dos discursos. Nesse sentido, pode-se interpretar o sintagma “o insistente inacabado” também como o inarredável chamado ético ao trabalho teórico.

## Referências

COSTA LIMA, Luiz. *O insistente inacabado*. Recife: CEPE, 2018.

COSTA LIMA, Luiz. A crítica como gesto de resistência. [entrevista cedida a] Guilherme Freitas. *Armazém Literário*, São Paulo, n. 772, nov. 2013. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/\\_ed772\\_a\\_critica\\_como\\_gesto\\_de\\_resistencia/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/_ed772_a_critica_como_gesto_de_resistencia/). Acesso em: 11 dez. 2020.

ERBEN, Dietrich; ZERVOSEN, Tobias. *Das eigene Leben als ästhetische Fiktion: Autobiographie und Professionsgeschichte*. Bielefeld: transcript, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14361/9783839437636>.

SVEVO, Italo. *A consciência de Zeno*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Recebido em: 8 de julho de 2020.

Aprovado em: 23 de novembro de 2020.